

Cláudio Castro*

O Rio que renasce: segurança, confiança e um novo horizonte de esperança

Fim de ano é tempo de balanço. No Rio de Janeiro, a melhor resposta ao cidadão não é discurso: é serviço funcionando, salário em dia, segurança com inteligência e saúde com estrutura.

A economia deu sinais claros de recuperação ao atingir, entre janeiro e julho, o maior nível de atividade desde 2003, segundo o Índice de Atividade Econômica Regional do Banco Central, principal termômetro mensal da economia nos estados. Isso significa que a produção de bens e serviços no Estado do Rio superou todos os patamares registrados nos últimos 22 anos.

Esse avanço só se consolida com contas em ordem. Por isso, avançamos na adesão ao Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados (Propag), que cria regras mais previsíveis para o pagamento da dívida e garante continuidade no ajuste fiscal. A decisão do Supremo Tribunal Federal que mantém o estado no Regime de Recuperação Fiscal até junho de 2026 assegura estabilidade e capacidade de planejamento.

Previsibilidade também é respeito a quem trabalha pelo Estado. Mantivemos o calendário em dia, pagamos a segunda parcela do 13º para mais de 450 mil servidores, inativos e pensionistas, e os servidores podem continuar contando com salários em dia ao longo de 2026.

Na segurança pública, a atuação é permanente, e não pontual. Entre janeiro e novembro, foram apreendidas 5.677 armas, incluindo 848 fuzis, o maior número já apreendido na nossa história. Desde o início da gestão, mais de 30 mil armas já foram retiradas de circulação. Operações como a Contenção e a Rastreio enfraquecem o crime organizado com inteligência, bloqueio de recursos e recuperação de quase 10 mil celulares roubados.

Reforçar efetivo também é proteger vidas. Nesta semana, formamos 460 novos policiais civis.

Só em 2025, 2 mil agentes foram incorporados aos quadros das polícias Civil e Militar e da Secretaria de Administração Penitenciária, reforçando nosso compromisso com o fortalecimento das tropas.

A continuidade do combate ao crime organizado se dá com a entrega ao STF, neste mês, do Plano Estratégico de Reocupação Territorial, no âmbito da ADPF 635. Isso importa porque a ADPF não pede apenas uma resposta policial. Ela exige uma resposta do Estado brasileiro - com coordenação entre Estado, União e município - para proteger direitos e devolver normalidade a quem mora nesses lugares. O plano vai começar pelo Cinturão de Jacarepaguá, em comunidades onde o poder público precisa voltar a ser regra, não exceção.

Na saúde, os resultados aparecem onde mais importa: no atendimento. O Samu 192 bateu recorde com 566 mil ocorrências atendidas só na capital. Hospitais como Carlos Chagas e Getúlio Vargas foram modernizados, ampliando a capacidade de emergência. E o acesso à saúde especializada ficou mais perto. Na Zona Oeste da capital, o Governo do Rio inaugurou o Instituto Estadual de Olhos, primeira unidade pública estadual dedicada exclusivamente à oftalmologia. Na Baixada Fluminense, o Rio Imagem Baixada ultrapassou 2 milhões de exames, incorporou novos serviços e reforçou sua estrutura, encurtando distâncias para quem precisa de diagnóstico rápido e atendimento de qualidade.

O Rio de Janeiro está deixando para trás o tempo da incerteza. Com planejamento, responsabilidade e presença do poder público, entramos em um novo ciclo de confiança, crescimento e segurança para a população. O futuro do nosso estado já começou. Boas festas!

***Governador do Estado do Rio de Janeiro**

Leonardo Boff*

Natal: a humanização de Deus

A tradição teológica acentuou sobremaneira o significado na encarnação do Filho de Deus, celebrada no Natal, como a divinização do ser humano. Na verdade, teologicamente quer-se enfatizar um fato ainda maior: a encarnação é a humanização de Deus. Todas as Escrituras afirmam como São João: “A Deus ninguém jamais viu. Foi o Filho unigênito do Pai quem no-lo deu a conhecer”(1,18). Deus, por Jesus de Nazaré, fez sua a nossa humanidade, coisa realmente inaudita. Então há algo de Divino dentro de nosso ser humano, homem e mulher, que jamais pode ser destruído. É a nossa suprema dignidade: portadores e portadoras de Deus. Por isso, não pode haver tristeza quando nasce a vida divina em nós.

O Natal é a celebração desse evento bem-aventurado. Os evangelhos chamam Jesus de Sol da Justiça. O nascimento de Jesus coincidia exatamente com a festa romana do Dia do Sol Invencível. Este dia, para o hemisfério norte, é o mais curto do ano e com a noite mais longa. O medo dos povos antigos era de que o sol não voltasse a nascer. Quando nascia novamente celebrava-se sua vitória sobre a escuridão. Jesus é apresentado como o Sol invencível que vencerá todas as escuridões da vida.

Se Jesus é o Deus que se fez homem, poderíamos pensar que tivesse nascido num lugar bem preparado, como num palácio, numa mansão com muito conforto ou numa maternidade famosa. Finalmente seria prestar homenagem a alguém que é Deus, como fazemos com pessoas importantes que nos visitam como os presidentes, famosas celebridades e o próprio Papa.

Deus não quis nada disso. Devemos respeitar e amar o modo como Deus quis entrar neste mundo: escondido, participando do destino daqueles que batem à porta, de noite, no frio, com uma mulher grávida, segurando na barriga o filho que está para nascer e que tem que ouvir estas duras palavras: “não tem lugar para vocês”.

Então José e Maria vão embora e ocupam, na urgência, uma estrebaria vizinha. Lá havia palha, uma manjedoura, um boi e um burrinho que com seu bafo esquentaram o corpinho frágil e tiritante do recém nascido.

Deus, portanto, entrou silenciosamente, nesse mundo, pelas portas do fundo. Os que habitavam na capital, em Roma ou em Jerusalém e outras pessoas importantes nem ficaram sabendo.

Nisso há uma lição a tirar: Deus quando quer se manifestar não usa o espetáculo grandioso, mas o silêncio singelo das pequenas coisas. Assim devemos compreender que ele veio para todos, mas de maneira especial a começar pelos pobres e simples porque ele foi pobre e pobre ficou por toda a sua vida na simplicidade e no despojamento.. Se tivesse nascido entre os ricos, deixaria os pobres de

fora. Nascendo entre os pobres, está sempre perto deles e a partir deles pode alcançar também os melhor situados na sociedade. Desta forma ninguém fica excluído de ser tocado pela presença de Deus.

Por ocasião do nascimento do menino Jesus não havia somente gente do povo como os pastores, considerados desprezíveis por terem contacto contínuo com animais. Os evangelhos falam que vieram do Oriente os reis magos. Os cristãos antigos concluíram que os magos eram sábios, cujos nomes foram conservados: Baltazar, Belquior e Gaspar. Belquior era da raça branca, Gaspar, da raça amarela e Baltazar, da raça negra. Assim eles representavam toda a humanidade.

Os presentes oferecidos por eles são simbólicos. O ouro significa que reconheciam Jesus como rei. O incenso significa que Jesus é divino. A mirra expressa a dor e o sofrimento. O sentido é o seguinte: Jesus é rei de verdade, mas não como os reis deste mundo que dominam as pessoas. Jesus, ao contrário cuida delas. Jesus é uma pessoa divina não para ser exaltada e proclamada a ponto de ser afastada do nosso meio. Ao contrário, é um Deus conosco - Emanuel - que quer conviver e caminhar junto a cada ser humano.

A mirra amarga expressa a forma como Jesus foi rei, dando sua vida pelo povo e como viveu sua divindade assumindo morrer na cruz por amor a todos os seres humanos.

O grande poeta Manuel Bandeira expressou bem esta lógica do Natal em sua poesia

*Conto de Natal:
O nosso Menino
Nasceu em Belém
Nasceu tão-somente
Para querer o bem.
Nasceu sobre os palhas
O nosso Menino
Mas a Mãe sabia
Que Ele era divino
Vem para sofrer
A morte da Cruz.
O nosso Menino
Seu nome é Jesus.
Por nós Ele aceita
O humano destino:
Louvemos a glória
De Jesus-Menino.*

No Natal temos o direito de nos encher de alegria, pois não estamos mais sós. Deus anda conosco, sofre conosco e se alegra conosco. Ele é o maior presente que Deus Pai nos poderia ter dado. Por isso trocamos presentes entre nós para sempre lembrar este presente que o Pai celestial nos deu, dando-nos Jesus, seu filho querido.

***Leonardo Boff é teólogo e escreveu: O Sol da Esperança: Natal, Histórias, Poesias e Símbolos, Rio 2007; Natal: a humanidade e a jovialidade de nosso Deus, Petrópolis 1976.**

Cláudio Magnavita Castro*

Um Natal de orações e solidariedade para Laura e Michelle

Existe um soluço que toca o coração. O soluço do choro de uma filha que não pode abraçar o pai, de uma esposa privada da presença do seu companheiro. O que teremos neste Natal será algo que precisamos refletir. Um pai, um esposo que estará fora de um confinamento de 12 m² quadrados, trocado por um leito de um centro cirúrgico para mais uma operação. Um ser humano moído por uma condenação sem o direito de uma defesa plena e justa. Quis o destino que o primeiro Natal, um 25 de dezembro, no qual se comemora o nascimento do Messias, fosse em um ambiente hospitalar, com sedação, bisturi, cortes, sutura, bolsa de sangue, oxigênio e monitoramento de sequelas de uma facada que muitos consideram ficção.

Acertou Michelle ao impedir que a política prevalecesse sobre a fragilidade de um homem. Expor um ser humano fragilizado pela doença, por crises ininterruptas de soluço, era colocar a política acima da humanidade e da saúde. Uma filha precisa de um pai amoroso. Precisa de um pai vivo para vê-la crescer, se formar e brindar pequenas vitórias comuns aos mortais. Quem viveu os dias de incerteza após a facada sabe o quanto a vida foi segura por

um fiapo de esperança e oração. O Mito é imortal e cresce ainda mais quando se desprende da perecibilidade da material.

Este Natal de 2025 será, para a Laura e sua mãe Michelle, um Natal de orações, para que este suplício físico seja superado. Para elas terem o seu Messias em uma mesa cirúrgica em pleno período natalino é a materialização e humanização de uma dor que só elas sabem a intensidade. Uma dor que só quem chora compulsivamente até soluçar sabe o martírio que um núcleo familiar tão pequeno vem passando. São duas mulheres que lutam: uma pré adolescente e uma mãe e esposa, que estarão ao lado de um paciente em cirurgia. Elas merecem toda a solidariedade. São as grandes vítimas de um jogo político que desumaniza quem participa.

Hora de orar e ter fé e solidariedade. Hora de acalantar e pedir que Deus guie a mão desses médicos encarregados de cuidar do pai de Laura e do esposo de Michele. Hora de sermos mais humanos e solidários.

***Claudio Magnavita Castro é jornalista e filho de Dilma (92 anos) e Waldir (99 anos)**